



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA

Universidade Federal do ABC

Folha de Rosto para Projeto de Iniciação Científica

Edital N° 02/2016

Título do projeto: Uma análise teórica sobre duas alternativas recentes ao neoliberalismo: o commons e a economia solidária.

Nome do Aluno: Arquias Sófocles Guimarães Soares Cruz

RA do aluno: 21034816

e-mail do aluno: arquias.guimaraes@aluno.ufabc.edu.br

Nome do Orientador: José Paulo Guedes Pinto

E-mail do orientador: jose.guedes@ufabc.edu.br

Palavras-chave do projeto: Neoliberalismo, economia política, alternativas, commons, economia solidária.

Área de conhecimento do projeto: Economia política.

Declaração de Interesse por Bolsa

Declaro que o aluno Arquias Sófocles Guimarães Soares Cruz nos termos do edital N°02/2016 deseja participar do programa de Iniciação Científica como: bolsista ou voluntário.

Uma análise teórica sobre duas alternativas recentes ao neoliberalismo: o commons e a economia solidária.

Arquias Sófocles Guimarães Soares Cruz

Resumo: Este projeto visa comparar duas alternativas recentes ao capitalismo: o *commons* e a economia solidária. Ambas emergem num contexto em que o neoliberalismo, entendido como o atual momento do capitalismo, gera problemas que impactam tanto nas vidas das pessoas quanto na preservação dos recursos do meio ambiente. Assim, nota-se que as críticas mais recentes ao capitalismo indicam alternativas para superar o sistema capitalista e as tratadas aqui representam as mais recentes e que estão sendo tentadas em diversos países. Delimita-se o estudo sobre commons aos Estados Unidos e o estudo sobre economia solidária ao Brasil. Por fim, se tantará entará aproximar ambos os estudos com o propósito de compará-los em seus caminhos propostos de superação aos problemas do capitalismo.

1. Introdução e contextualização do projeto:

Entende-se capitalismo como um sistema político-econômico que emergiu num contexto de “crise” do feudalismo na Europa (aproximadamente a partir do século XV) e que tem em sua base uma estreita relação com o mercado e com o lucro. Algumas interpretações mostram que o surgimento do capitalismo está inserido num contexto de passagem do mundo medieval para o moderno, e sendo assim, essa passagem implicou também mudança na mentalidade dos indivíduos frente às demais mudanças externas.

A mudança radical de mentalidade correspondeu ao surgimento, como modelo global de vida, da busca do lucro máximo pelo exercício profissional de uma atividade econômica. Foi aquilo que Max Weber denominou, em obra de grande repercussão, o "espírito do capitalismo". Em nenhuma civilização do passado, jamais se considerou o acúmulo de bens materiais como finalidade última da vida. Especificamente de acordo com a tradição indo-europeia, a riqueza não se adquiria pelo trabalho, mas era um atributo vinculado normalmente ao estatuto da nobreza. (CAMPARATO, 2011, P. 255)

Desse jeito, a transição para a Idade Moderna foi marcada por um processo de ruptura com o feudalismo no âmbito econômico (abertura para o comércio com as navegações, por exemplo), racional (ilustrado no renascimento científico) e social (pelo surgimento da burguesia). Nesse processo de ruptura, inaugurou-se o capitalismo, já com a busca pela acumulação de bens enraizada em sua lógica. Observa-se, portanto, que em seu nascimento, o

sistema capitalista apresenta um traço marcante: o aspecto racional. Isso é fundamental para se entender como esse modelo predominou por séculos.

Foi nesse ambiente de extraordinária mudança de mentalidade coletiva que vieram à luz os primeiros sinais da grande passagem histórica do Mundo Antigo ao Mundo Moderno, com o nascimento do capitalismo. (COMPARATO, 2011, p.258)

Hoje, pode-se, a princípio, entender que o capitalismo está numa fase atual chamada neoliberalismo. Porém, deve-se afirmar que o neoliberalismo corresponde a mais do que um momento do capitalismo. Uma definição que Prado exhibe em menção à autora Wendy Brown mostra isso:

Deve-se entender o neoliberalismo – diz ela apontando para o que atualmente dá força à besta – não apenas como um conjunto de políticas econômicas, como uma mera ideologia ou como um ideário político que regula a relação da economia com o Estado, mas como um princípio de racionalidade. O neoliberalismo deve ser compreendido – segundo ela – como uma ordem normativa da razão que se desenvolveu nas últimas três décadas e que se disseminou ampla e profundamente na sociedade atual. (BROWN, ano *apud* PRADO, 2016, p.3)

Agora, então, percebe-se a atualidade do aspecto racional do capitalismo. E isso é o essencial da atual fase dele, ou seja, o neoliberalismo depende “de agir como uma ideologia” (PRADO, 2003, p. 136) desde princípios racionais que levem à sustentação das fragilidades que ele mesmo cria.

Considera-se que “a relação de capital se tornou potencialmente supérflua”(PRADO, 2003, p. 136); é uma dessas fragilidades que o neoliberalismo mesmo cria. Ou seja, o capital como um fim em si configura (ainda mais na fase atual com um processo de financeirização, que Prado discute em “*Desmedida do valor*”) um sistema passível de críticas, já que a produção não tem como principal enfoque o “bem-estar” do trabalhador, e sim utilizar seu trabalho para visar o mais valor, ~~no~~na forma de lucro, juros e renda.

Se há, então, subordinação, o processo de trabalho tem de ocorrer no interior de um processo de produção que transcende o interesse, a vontade e a imaginação do

trabalhador e que é, sobretudo e ao mesmo tempo, um processo de valorização. (PRADO, 2005, p. 120)

A menção ao processo de valorização vem do pensamento de Karl Marx, que influenciou grande parte das críticas direcionadas ao capitalismo desde os séculos XIX e XX. Contudo, não precisa-se adentrar no pensamento de Marx (ou entender as noções que ele atribui à valorização, mais-valia, alienação e a outros conceitos) para constatar que existem problemas no sistema ~~capitalismo~~capitalista. Apenas observa-se que, no atual contexto do neoliberalismo, surgem diversas críticas voltadas às consequências do capital como um fim em si.

Assim, além dessas críticas mais tradicionais (advindas do pensamento de Marx) sobre as desigualdades sociais e a exploração do trabalhador geradas pelo sistema, hoje, há críticas que problematizam a relação depredadora do capitalismo com o meio ambiente. Isso se explica pela dependência dele por crescimento. A exploração dos recursos naturais torna-se exaustiva ao passo que seu crescimento acelerado não freia perante os recursos naturais, que são finitos.

Os críticos mais voltados para a ecologia concluem que essa exploração é tão nociva à natureza que estaria destruindo os ecossistemas.

Uma pista fecunda foi aberta pelo ecologista e “marxista-polanyista” norte americano James O’Connor: “à primeira contradição do capitalismo – entre forças e relações de produção –, analisada por Marx, deve-se acrescentar uma segunda, ou seja, a contradição entre as forças produtivas e as condições de produção: os trabalhadores, o espaço urbano, a natureza. Pela sua dinâmica expansionista, o capital coloca em perigo ou destrói suas próprias condições, a começar pelo ambiente natural – uma possibilidade que Marx não tinha levado suficientemente em consideração. (LOWY, 2007, p.5)

Já outras focam na relação de capital e democracia. Nelas vê-se que a democracia é afetada pela não consciência ou incapacidade dos trabalhadores de garantir seus direitos básicos de acesso à cultura e aos bens naturais. Isso traz trágicas consequências nas relações políticas e culturais, ligadas à desigualdade material e ao desigual acesso aos recursos.

Recorrendo de novo ao livro de Wendy Brown, veja-se o que ela diz sobre isso: nossas sociedades – aponta – estão sendo dominadas por um processo quase invisível que é profundamente destrutivo do futuro da democracia e, desse modo, da possibilidade

de que os seres humanos atuem na preservação daquilo de tudo que é comum e necessário para que a humanidade possa continuar existindo. Esse processo terrível que domina as pessoas em geral sem que disso tenham plena consciência não permite que elas se tornem capazes de conservar o patrimônio cultural e ético herdado das gerações anteriores, assim como o ambiente natural humanizado que delas receberam como se fosse uma dádiva. (PRADO, 2016, p.3)

Apesar das diversas críticas elencadas acima, o capitalismo é o sistema que continua a predominar hoje. Contudo, isso não significa que as críticas não se concretizem em alternativas a ele.

Historicamente, procura-se alternativas que superem o sistema capitalista (há ao menos 200 anos). Um dos mais marcantes foi o socialismo, seja pela ascensão de uma potência no século XX, seja porque se opôs fortemente ao modelo capitalista propagado como ideal.

Em seu livro “Reflexões sobre o socialismo” (2008), Tragtemberg junta exemplos concretos de alternativas socialistas, ou mesmo alternativas apenas populares, como as alternativas baseadas no princípio da autogestão, que é uma proposta muito aceita entre teorias diversas, como a economia solidária e como algumas vertentes do anarquismo (ressalta-se que esse princípio pode ganhar sentidos e usos diferentes de acordo com a teoria).

O predomínio da autogestão nos campos econômico, social e político manifesta-se sempre que os trabalhadores aparecem como sujeitos revolucionários. São os períodos de ascensão dos movimentos de massas que tomaram forma na Comuna de Paris de 1871, na Revolução Russa de 1917, na Guerra Civil Espanhola de 1936, nas rebeliões de 1918 na Hungria e na criação do sindicato Solidariedade (1978) na Polónia. (TRAGTEMBERG, 2008, p.4)

Contudo, procura-se, neste projeto, tratar de alternativas mais recentes. É neste ponto que este projeto encaixa-se, pois, após apresentar definições e críticas à fase atual do capitalismo, ele especifica-se em duas alternativas discutidas hoje (ou seja, dos últimos cinquenta anos). Apresenta-se, portanto, o caso do *commons* e da economia solidária, pois

ambas as alternativas estão sendo tentadas em países desenvolvidos ou emergentes (no caso, respectivamente, EUA e Brasil).

O termo *commons* é mais usado nos Estados Unidos, onde a discussão acadêmica é relevante ao projeto. Em 2009, uma autora americana, Elinor Ostrom, recebeu o prêmio Nobel pela sua pesquisa em relação à governança no commons. Isso pesa na relevância do debate americano sobre *commons*.

Pode-se traduzi-lo como “bens comuns”. Isso significa que todos os indivíduos de uma sociedade têm direito aos recursos naturais desde que o uso de tais recursos seja feito de forma sustentável. Portanto, o commons se alinha às críticas ecológicas feitas ao capitalismo sobre os impactos da produção no meio ambiente. Mudar a concepção sobre o uso de tais recursos na produção envolve mudar a concepção sobre a própria produção. Assim os valores que norteiam as relações de trabalho não devem ao lucro ou acúmulo de capital.

Já a economia solidária é um termo mais usado e discutido no Brasil. No entanto, sua origem deu-se na Inglaterra do século XIX, em meio a revolução industrial. Naquela época, o capitalismo na fase industrial gerava uma forte exploração do trabalho (baixa remuneração para longas jornadas de trabalho em péssimas condições) alimentando desigualdades sociais, pobreza e fome. A economia solidária, ou ao menos valores pioneiros a esta, buscavam mudar essas condições do trabalhador por meio de práticas que melhorassem as condições de trabalho. Práticas, o como as cooperativas owenistas por volta de 1820, tornaram-se inovadoras no combate à exploração do trabalho.

Desse modo, vê-se que ela engloba práticas voltadas para a autogestão (como o cooperativismo) e que, assim, ponham fim ao “capital como um fim em si” para, então, se preocuparem com o trabalhador. Há uma definição mais precisa em Singer:

“A economia solidária é o modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une

todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica.”(SINGER,2002, p.10).

Nessa perspectiva, observa-se o caráter mais democrático dos empreendimentos solidários, já que, além de não apresentarem os problemas apontados pelas críticas de Brown, eles incentivam princípios coletivos.

Em relação ao capitalismo, ambas as alternativas mencionadas apresentam valores da autogestão, que visam combater as desigualdades oriundas do modo de relações sociais do sistema capitalista. No entanto, elas apresentam diferenças quando postas em prática. Neste projeto, isso deverá ser percebido ao compará-las.

De todo modo, elas se inserem num contexto específico do capitalismo, que é o neoliberalismo e seus problemas atualmente. Assim, ao se trazer o debate do capitalismo para a atualidade, percebe-se que a fase atual (como as anteriores) é alvo de críticas vindas da ecologia, da “tradição” marxista e de outras tantas que surgiram com o passar do tempo. E embora o capitalismo venha sendo o sistema predominante ao longo da história, não significa que as críticas mencionadas sejam meramente pontuais ou que não haja alternativas a ele.

Portanto, ao se apresentar o commons (no EUA) e a economia solidária (no Brasil), rompe-se com a impressão de que o capitalismo seja o único sistema possível de ser alcançado.

2. Descrição dos objetivos e metas:

Objetivo geral:

1. Apresentar uma síntese das discussões contemporâneas sobre *commons* e economia solidária no âmbito acadêmico;

Metas

1. Aproximar o debate sobre commons nos EUA com o debate sobre economia solidária no Brasil, apontando semelhanças;
2. Verificar se ambos os debates apontam para um sentido comum de ~~superação~~ superação do capitalismo ou se há muitas diferenças incompatíveis;

3. Metodologia

Trata-se de uma pesquisa exploratória das bibliografias mais recentes no debate sobre *commons* nos Estados Unidos e no debate sobre economia solidária no Brasil. Assim, a metodologia contará com:

- Pesquisa da literatura sobre a economia solidária no Brasil inserida no contexto do neoliberalismo (últimos cinquenta anos aproximadamente);
- Pesquisa da literatura sobre *commons* nos Estados Unidos (também nos últimos cinquenta anos);
- Seleção das obras de principal referência para o embasamento da síntese teórica de cada alternativa;
- Comparação das duas alternativas com o propósito de apontar as semelhanças e diferenças presentes no sentido como cada uma propõe para superar o sistema capitalista;

5. Bibliografia:

BRESSER-PEREIRA, Luis Carlos, *Uma alternativa para o capitalismo?*, 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142014000100024

Acesso em 21/7/2016.

CAMPARATO, Fabio Konder; *Capitalismo: civilização e poder*. **Estudos Avançados**

. vol. 25 no.72. São Paulo May/Aug. 2011, 2014. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142011000200020&lang=pt

Acesso em 21/7/2016

LOWY, Michael; *De Marx ao ecossocialismo*, 2007. ~~Disponível~~Disponível em:

<http://www.coptec.org.br/biblioteca/Agroecologia/Artigos/De%20Marx%20ao%20Ecosocialismo.pdf>

f Acesso em 21/7/2016

PRADO, Eleutério F. S. *Desmedida do valor*, ~~2005~~. Editora Xamã VM, n1, 2005.

PRADO, Eleutério F. S., *Do que destrói o nosso futuro humano possível*, 2016. Disponível em:

<https://eleuterioprado.files.wordpress.com/2016/06/do-que-destroi-o-nosso-futuro-humano-possivel.pdf>

SINGER, Paul ; *Introdução à economia solidária*, ~~2002~~. Editora Fundação Perseu Abramo, n1, 2002.

TRAGTEMBERG, Maurício *Reflexões sobre o socialismo*, 2008. Editora Unesp, n1, 2008.